

Barreiro Turístico



JSD BARREIRO

Moção Sectorial ao Congresso
Distrital de Setúbal

Tiago Sousa Santos

Com o evoluir dos tempos, o galopar da globalização desde o início do século em que vivemos e com o advento do fenómeno europeu da livre circulação de pessoas, os movimentos de cidadãos entre países tem vindo a atingir picos nunca antes registados no velho continente.

Milhares de milhões de europeus deslocam-se diariamente entre fronteiras, fazendo valer a sua liberdade para abrir horizontes e explorar admiráveis mundos novos outrora vedados ao conhecimento do comum dos mortais.

A explosão destes movimentos fez-se acompanhar de uma transformação profunda na economia dos Estados que deles beneficiam. O descolar desse comboio de forma efetiva deu-se, em Portugal, nos anos do pós-crise como forma de recuperação económica de um país assolado pela recessão.

Ano após ano é notável o crescimento do número de turistas que entram nos nossos territórios. Vêm para conhecer o que de melhor temos para lhes oferecer: o sol, a luz, a cor, a praia, as colinas, os castelos, as serras, os rios, as igrejas, os mosteiros, o litoral e o interior, o norte e o sul, o continente e as ilhas. E ao virem tirar proveito deste maravilhoso cantinho à beira mar plantado, trazem com eles a vontade de gastar os rendimentos que auferem nos seus países de origem.

É aqui que reside a oportunidade de ouro: uma economia que se socorre de “investimento privado” cuja captação tem um investimento mínimo para o retorno potencial. Um sector económico livre, ou quase livre, de burocracias estatais e de fiscalidade sufocante.

O Turismo é, em última instância, um sector económico que depende única e exclusivamente da vontade de quem o pratica e da astúcia de quem o quer captar. Um economia de atração de pessoas que venham consumir aquilo que poderiam consumir nos seus países e transferir, deste modo, os seus gastos para um país que nada gastou no crescimento da sua riqueza acumulada.

E se Portugal lidera hoje a esmagadora maioria dos indicadores do turismo europeu, a pergunta que fica é: quando vão as cidades do nosso distrito entrar neste comboio?

O Barreiro é, por excelência, uma cidade cujo potencial turístico é maior que o seu próprio território. Um passado industrial de dimensões astronómicas, uma história ferroviária que atravessa o país, uma preponderância desconhecida nos descobrimentos por explorar, uma varanda em frente ao rio que é miradouro de Lisboa, um resquício de matrimónio moageiro subaproveitado, uma Reserva Natural com muito por desbravar.

Mas se o Barreiro tem todo este potencial, tem também uma taxa de subaproveitamento desse potencial que empurra a cidade para os patamares mais baixos do panorama turístico do país.

As dormidas registadas no Barreiro são zero. O número de turistas que visita a cidade é diminuto. E estes números são assim porque a ausência de uma estratégia de atração turística é um marco de todas as gestões políticas que governaram a cidade.

Captar turismo tem, forçosamente, de se iniciar pela transformação estética da cidade. O estado de degradação, a falta de limpeza urbana, a poluição visual pelo meio de tags em edifícios públicos e privados, a sensação de insegurança e muitas outras deficiências afugentam aqueles que nos poderiam visitar e tornam infrutífero qualquer estratégia que se possa desenhar.

Um Barreiro de cara lavada será sempre um Barreiro de futuro. Será sempre um Barreiro mais próximo de Lisboa e mais propício à complementaridade do turismo massivo que marca a identidade contemporânea da capital.

Porque é disto que se trata: fazer do Barreiro uma extensão turística de Lisboa e não tentar, nunca, competir com a cidade portuguesa com maior volume de turistas por dia.

E essa complementaridade desenha-se com políticas públicas de estímulo ao turismo de um dia. Desenha-se, também, com oferta turística própria e específica da região. Porque se nós temos um sem número de realidades passíveis de “turistificar”, porque não temos turismo para dar vida a essas realidades?

Se o passado industrial de pouco nos vale na produção, se o passado moageiro de nada nos vale na transformação, se a história dos descobrimentos de nada nos vale na construção de navios e na cozedura de alimento, se a ferrovia não nos leva para lá de

Setúbal e se a vista para Lisboa não nos permite mais do que olhar para ela, cabe-nos a nós fazer com que todos estes tesouros do Barreiro voltem a dar à cidade aquilo que outrora deram, desta vez pela via da visita de quem aqui não mora.

O Barreiro tem, obrigatoriamente, de liderar o turismo de curta duração no distrito. O Barreiro tem, obrigatoriamente, de se afirmar além fronteiras. O Barreiro tem, ao fim ao cabo, de voltar a ser aquilo que as suas gentes dele fizeram no passado.

O Barreiro tem, tal como aqui propomos, de:

- Recuperar a imagem da cidade
- Investir no Museu Industrial Alfredo da Silva e dinamizar a sua atividade
- Recuperar o património ferroviário e construir um Museu Nacional da Ferrovia que interaja com as infraestruturas ferroviárias ainda existentes
- Divulgar a Avenida da Praia como “A melhor vista para Lisboa”
- Promover o turismo de natureza na Mata Nacional da Machada
- Promover as viagens na “Muleta” como melhor forma de viver o rio
- Vender o Barreiro como cidade complementar a Lisboa